

# Discurso imagético sobre uma infância nos jornais: uma construção

**Milene Maciel Carlos Leite**

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil  
milenemaciel@id.uff.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v45i3.767>

## Resumo

Este artigo objetiva refletir sobre as produções de sentido para uma infância hoje, no discurso imagético em circulação na imprensa. Sob o embasamento teórico-metodológico da Análise do Discurso com base em Pêcheux e Orlandi, propomos uma análise discursiva de uma fotografia retirada do jornal *O Globo online*, assim como da legenda e do título da notícia, em uma relação contraditória entre verbal e não verbal. No que concerne ao não verbal, propomos, de um lado, o valor testemunhal da fotografia, pela afetação que porta e por o que tem a transmitir; de outro, consideramos seu valor mercadológico, no instante em que serve à venda. Do lugar da Análise do Discurso, utilizamos os trabalhos de Orlandi (1995), Lagazzi (2009) e Lunkes (2014), que abrem espaço à consideração do não verbal como objeto, ou, conforme Lagazzi (*ibidem*), distintas materialidades significantes como foco de análise.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; sujeito; imagem.

## Imagistic Discourse about Childhood on Newspapers: a Construction

### Abstract

This paper aims to reflect on productions of meaning concerning childhood in the current media. Under the theoretical-methodological basis of French Discourse Analysis, according to Pêcheux and Orlandi, it proposes a discursive analysis of a photograph extracted from the online newspaper *O Globo*, as well as its caption and the headline of the news, in a contradictory relation between verbal and non-verbal elements. With respect to the non-verbal, on the one hand, the testimonial value of the photograph is proposed considering the affectation it holds and what it has to transmit; on the other hand, its market value is considered by the time it serves sale. Studies done by Orlandi (1995), Souza (2001), Lagazzi (2009) and Lunkes (2014) are used; they open space for discussions on the non-verbal, or according to Lagazzi (*ibidem*), on distinct significant materialities.

**Keywords:** Discourse Analysis; subject; image.

## Considerações Iniciais

Saussure (2012[1916]), no *Curso de linguística Geral*, faz uma importante asserção acerca do objeto científico da linguística: “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 15). Partimos desta afirmativa para, de pronto, enfatizar a importância do olhar do

pesquisador na construção de seu objeto científico. Esse olhar é, sobretudo, sustentado por um campo teórico que abre possibilidades, teóricas e metodológicas, de mobilização desse objeto.

O presente artigo é um recorte de nossa pesquisa, realizada em nível de mestrado, que considera o funcionamento de fotografias produtoras de sentido para uma infância na imprensa, no que concerne ao âmbito do registro (formulação), da constituição (interdiscurso) e da circulação, “três momentos relevantes no processo de produção do discurso” (ORLANDI, 2012[2001], p. 9). Trazemos à análise no presente trabalho uma imagem constitutiva de nosso *corpus* empírico, a legenda e o título da notícia. É importante ressaltar que a imagem trazida à discussão é um registro fotográfico, produzido por um fotojornalista em seu ofício. Uma vez formulada, foi posta em circulação pelo jornal *O Globo*, tanto em versão *online* quanto impressa. No campo do Jornalismo, uma imagem desta natureza é denominada fotorreportagem; em linhas gerais, uma fotografia que comunica um acontecimento, que reporta algo aos leitores.

Esta visão de comunicação adotada em certo Jornalismo<sup>1</sup> é questionada no presente trabalho. Crer na possibilidade de haver uma mensagem a ser transmitida (seja por imagens ou textos verbais), como se a interpretação fosse única, desconsidera, a nosso ver, “a subjetividade e o momento histórico de cada sujeito, que devem ser levados em conta para a compreensão de como o discurso constitui sentidos” (DELA-SILVA, 2003, p. 3). Ler uma imagem em um jornal é ler sobre acontecimentos cotidianos, localizáveis no espaço e no tempo? A partir de nossa compreensão, apontamos que não é só isso. Zanella (2012), quanto a isto, afirma:

No clique da câmera, seja ela mecânica ou eletrônica, captamos um momento, eternizamos-lo. Não obstante, apaga-se que *a fotografia também passa por um “filtro” (histórico, social, cultural; enfim, ideológico)* e que este momento eternizado é sempre um momento, mas em relação ou contraposição com outros momentos. Portanto, os sentidos que lemos nas fotografias são sempre sentidos de acordo com algum filtro. (ZANELLA, 2012, p. 77, grifo nosso).

A partir da afirmação do autor, compreendemos que a leitura de um registro fotográfico se dá a partir de uma posição, de um “filtro” que necessariamente passa pelo sócio-histórico-ideológico. Assim, sob a ótica discursiva por nós adotada, trabalhamos o não verbal, considerando o seu estatuto de linguagem (opaca, não transparente). O campo teórico de onde partimos é o da Análise do Discurso com base em Pêcheux (1997[1969], 2009[1975], 2012[1983]) e Orlandi (2013[1990], 2012[2001], 2012[1996]), teoria materialista dos processos de produção de sentidos, marcada pela necessária consideração da língua(gem) em relação com a história.

Orlandi (2012[1996]) ressalta que história, na concepção da Análise do Discurso, nada tem a ver com cronologia, com texto como documento, atestado irrefutável dos acontecimentos; nesta teoria, a que nos filiamos, a história é entendida como constitutiva da

---

<sup>1</sup> Há, no campo do Jornalismo, trabalhos que contestam esta visão de que um jornal retrata o mundo, tal qual ele é, como se não houvesse certo olhar do jornalista, que, de certo modo, comparece na notícia e/ou reportagem. Sobre este tema, e em defesa de um jornalismo autoral, ver: MEDINA, C. *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008. 118 p.

produção de sentidos. Por isso, a preferência do termo historicidade (ORLANDI, 2012[1996]), que enfatiza a relação dos modos de um texto produzir sentidos com determinadas condições (imediatas, em âmbito mais restrito; históricas, sociais e ideológicas, em âmbito mais amplo) que os determinam.

Texto, conforme referido por Orlandi (*ibidem*) deve ser entendido como discurso, ou seja, em suas possibilidades de produzir (efeitos de) sentidos. O que interessa ao analista de discurso é a materialidade discursiva, que é linguístico-histórica. Um deslocamento teórico importante ao nosso trabalho, que considera o não verbal como objeto discursivo, é produzido por Lagazzi (2009) ao propor a formulação “materialidade significante” (LAGAZZI, *ibidem*). Há, nesta proposição, uma abertura a trabalhos que considerem discursivamente distintas materialidades, como a imagem e o som, em seus modos peculiares de produzir sentidos. A imagem, em nossa reflexão, é considerada como texto, como discurso. Temos, portanto, como material de análise, distintas materialidades significantes, a saber, o texto verbal (legenda e título) e o não verbal (imagem), estabelecendo, entre si, certa relação.

Como fotorreportagem, a imagem nos jornais está em relação ao verbal, contido na própria reportagem, no título e também na legenda que a acompanha, de modo que há, neste funcionamento, a ilusão de que o não verbal necessita do verbal para significar. Ocorre, aí, uma redução da distância que vai de uma materialidade a outra (ORLANDI, 1995, p. 36). Lagazzi (2009) afirma a tendência em se considerar o verbal e o não verbal em relação de “complementaridade”; segundo a autora, não há “materialidades que se complementam, mas que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra” (LAGAZZI, 2009, p. 68). Para pensar a relação entre uma e outra materialidade (funcionando pela incompletude), a linguista propõe o termo “composição”.

Sob esta ótica, afirmamos que a significação não se reduz somente ao linguístico-verbal; há diferenças entre o verbal e o não verbal que devem ser consideradas, para que possamos compreender o movimento de sentidos produzido por um e outro. Orlandi (1995) afirma que “a significância não se estabelece na indiferença dos materiais que a constituem, ao contrário, é na prática material significante que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente” (ORLANDI, 1995, p. 35). Tomar a palavra, produzir uma fotografia, uma música, etc., são práticas, gestos de inscrição e interpretação do sujeito no campo do simbólico e do político. Tais gestos constituem-se como discurso, no instante em que se inserem num campo de significação e abrem espaço a significações. Conforme Pêcheux (2012[1983]), o discurso não é:

[...] um aerólito miraculoso, *independente das redes de memória e dos trajetos sociais* nos quais ele irrompe [...]. Só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo *atravessado pelas determinações inconscientes*) de deslocamento no seu espaço. (PÊCHEUX, 2012[1983], p. 56, grifo nosso)

Na afirmação do filósofo francês, ressaltamos, primeiramente, a referência ao fato de que o discurso não é independente dos “trajetos sociais”, que dão base a certos sentidos, assim como abrem possibilidades para a irrupção de sentidos outros. Na materialidade linguística ou, conforme afirmamos, na materialidade significativa (LAGAZZI, 2009), é possível apreender vestígios que dizem do social e apontam para o discurso e seus efeitos, em dadas condições de produção.

Ademais, vale ressaltar que o simbólico, conforme Pêcheux (*ibidem*, p. 51) tem uma ordem marcada pelo equívoco como fato estrutural. Por isso, por mais que haja no sujeito a ilusão de domínio do dizer e dos sentidos (efeito da ideologia enquanto mecanismo de produção de evidências), o sujeito é desde sempre atravessado pelo inconsciente, pelos tropeços de linguagem, como aquilo que irrompe em sua fala e sobre o qual não tem nenhum controle. Além disso, a linguagem é marcada pela incompletude, pela impossibilidade de fechamento dos sentidos, justamente por eles não estarem nos sujeitos que falam ou nas palavras, mas por se constituírem em relação a outros sentidos, construídos em outros processos discursivos, na história.

Outra questão apontada por Pêcheux (2012[1983]) é que o discurso não se constrói fora de “redes de memória”. No modo como é pensada na Análise do Discurso, a memória não é da ordem do recordável, não funciona no “sentido psicologista ‘da memória individual’”, funciona a partir do social inscrito em práticas (PÊCHEUX, 1999, p. 50). A memória de que tratamos aqui é a discursiva; de acordo com Mariani (1996), memória discursiva pode ser entendida como “a reatualização de acontecimentos e práticas passadas em um momento presente, sob diferentes modos de textualização”, tais quais “a produção literária, científica ou mítica, historiográfica e/ou jornalística, na história de uma formação ou grupo social” (MARIANI, 1996, p. 39).

A cada tomada de palavra, distintas memórias discursivas são mobilizadas e acionadas. Assim, é pelo funcionamento da memória discursiva que determinados sentidos se destacam em detrimento de outros (que, todavia, existem e comparecem, provocando movências no campo da significação). Conforme Mariani, em mesmo texto, “para fazer sentido é necessária a ocorrência, anterior, de outros sentidos já fixados na memória discursiva e que possam ser filiados para o acontecimento presente” (MARIANI, 1996, p. 42).

A partir destas considerações, propomos, no presente artigo, gestos possíveis de análise, trazendo à luz uma das fotografias constitutivas de nosso *corpus* empírico. De antemão, colocamos em questão o efeito de evidência sob o qual se sustenta a imagem. Quando uma imagem se produz, há a ilusão de representação fiel da realidade, apagando o fato de as imagens se produzirem por um olhar, que, fígado por uma cena, torna, pelo gesto de fotografar, algo ou alguém objeto. No caso de uma fotorreportagem, como é o caso da fotografia aqui considerada, o efeito de verdade é ainda mais forte, dado que a fotografia assume a função de reportar algo.

Em relação ao não verbal, propomos, neste artigo, dois funcionamentos possíveis para a fotografia nos jornais. De um lado, pela afetação que porta, fruto deste olhar subjetivo que, fígado por uma cena, produz a imagem, assim como pela necessidade de transmissão,

propomos, a partir do estudo de Casadei (2014), o valor testemunhal da fotografia. De outro lado, inserida na lógica do mercado, que “tudo transforma em mercadoria a ser consumida: fotos, vidas...” (MARIANI; MEDEIROS, 2011, p. 84), apontamos o valor mercadológico da fotografia<sup>2</sup>. Ambos os modos de considerar a imagem aparentemente funcionam em uma relação ou/ou, ou seja, ou consideramos o valor testemunhal da imagem ou seu valor enquanto produto do mercado.

Objetivamos, em nossos gestos de análise, alargar as distâncias entre a materialidade verbal e a não verbal, a fim de produzir outros efeitos de sentido para o aforismo “uma imagem vale mais que mil palavras”. São materialidades distintas, que produzem efeitos distintos, no processo de interpretação, que é sócio-historicamente determinado.

Ademais, buscamos mostrar, na análise empreendida, como a imagem, no modo como se coloca no espaço discursivo do jornal *online*, porta um *discurso sobre* (MARIANI, 1996) uma infância, discurso este sustentado por uma memória, que torna possíveis certos dizeres (e não outros).

### Uma análise possível

A imagem trazida à discussão é parte de uma notícia do jornal *O Globo online*, de 3 de dezembro de 2014. Trazemos, neste artigo, um recorte composto pelo título da notícia, a fotografia (fotorreportagem, nos termos do jornalismo) e a legenda. A notícia intitula-se:

#### **Flagrante que choca: menina toma banho em bueiro.**

Logo em seguida, está a fotografia:



Fotografia 1. Extraída de <http://oglobo.globo.com/rio/flagrante-que-choca-menina-toma-banho-em-bueiro-14723691>

Abaixo da imagem, há a legenda:

---

<sup>2</sup> A respeito da consideração da notícia como produto do mercado, ver: MEDINA, C. *Notícia: um produto à venda*. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. 188 p.

**A menina no buraco com água suja: alheio à situação, o pai se preocupava em pedir dinheiro para almoçar.**

A respeito do funcionamento do discurso jornalístico, Mariani (1996, p. 65) afirma que

[...] no discurso jornalístico, mascara-se um apagamento da interpretação em nome de fatos que falam por si. Trata-se de imprimir a imagem de uma atividade enunciativa que apenas mediatizaria – ou falaria sobre – da forma mais literal possível um mundo objetivo (MARIANI, 1996, p. 65)

A partir desta afirmação, podemos apontar a relação, sustentada no imaginário, de que uma notícia estrutura-se de modo a retratar fatos cotidianos tal como ocorreram, ou seja, comunica, de forma mais objetiva e imparcial possível, algo a alguém. Apaga-se, nesta consideração, a impossibilidade de se relatar as coisas do mundo senão pelo discurso; um fato torna-se um acontecimento a partir do momento em que é discursivizado, a partir de dadas posições ocupadas pelo sujeito para dizer. Tais posições-sujeito, atravessadas pelo ideológico, enquanto mecanismo de produção de evidências, determinam e configuram o dizer.

A respeito do funcionamento da imagem como parte da reportagem, propomos, junto à Mariani (*ibidem*) que o pronto efeito de “falar sobre” é alçar a objeto aquilo sobre o que se fala. Considerando que fotografar é também tornar objeto aquilo que se fotografa, pensamos e propomos o funcionamento desta imagem aqui considerada como um “discurso sobre” (*ibidem*) uma infância, dado que é uma criança o objeto discursivamente construído. O discurso jornalístico, no intuito de dizer sobre acontecimentos factuais, ou seja, localizáveis no tempo e espaço, com atores definidos, produz, pelo direcionamento de sentido sustentado tanto no verbal quanto no não verbal, em relação de composição (LAGAZZI, 2009), um “discurso sobre” uma infância, tanto pelo verbal quanto pelo não verbal, sempre considerando que são materialidades distintas. Ao se alçar uma dada ocorrência a acontecimento jornalístico, ou seja, “um fato que gera uma notícia, que, por sua relevância perante a avaliação dos jornalistas [...] merece estar presente nas edições [...] dos noticiários”, silencia-se o trabalho da interpretação, um trabalho, assim, ideológico, de que o jornalista e o fotojornalista não estão livres.

Centrando-nos na materialidade verbal, destacamos que, na notícia que aqui está sendo referida, há um fato a ser contado, um “flagrante que choca”; o elemento que comporta a surpresa é logo revelado: “menina **toma banho em bueiro**”. Na legenda, há a reiteração: “A menina no buraco com água suja”. Destacamos, na análise aqui desenvolvida, a ação verbal (em negrito) e o adjunto adverbial (sublinhado), termo, conforme Bechara (2009), “semântica e sintaticamente opcional” (BECHARA, 2009, p. 437).

No campo do jornalismo, uma das características atribuídas ao formato de uma notícia, tanto no jornalismo impresso quanto no chamado jornalismo *online*, é a preferência de uso dos verbos no presente do indicativo, especialmente quando se trata de um verbo de ação, no intuito de reforçar a atualidade do acontecimento relatado/ discursivizado. Dalmonte (2010), em reflexões sobre o uso dos tempos presente e passado nas manchetes jornalísticas, afirma:

A ambiguidade da narrativa jornalística no que tange ao tempo, ou melhor, à temporalidade do presente, pode ser observada pela *opção de uso do tempo verbal do presente do indicativo*, independentemente de o fato estar em processo ou de já ter ocorrido, o que justificaria o emprego do passado simples. O uso do tempo presente justifica-se pela necessidade de simular a presença do leitor na cena na qual se desenrolaram os fatos. [...] Por intermédio desse artifício, *tem-se a ideia de que o fato ainda acontece*, que o leitor está ligado a ele. Estamos todos, leitores e narradores, naquela cena, ainda sendo tocados por aquela ação. (DALMONTE, 2010, p. 330, grifo nosso)

Em relação ao tempo passado, o autor aponta: “O passado, por seu turno, *marca o fim, a conclusão de um fato*, o que pode promover um *efeito de sentido de distanciamento entre o indivíduo e o mundo*” (DALMONTE, 2010, p. 330, grifo nosso).

As afirmações do autor contribuem, particularmente, para a discussão desenvolvida no presente trabalho no instante em que relacionam o uso dos tempos verbais presentes na “narrativa jornalística” a algo que extrapola questões de tipologia ou gênero. A partir do ponto de vista adotado pelo autor, e que também adotamos neste trabalho, os tempos verbais tornam-se relevantes para a produção de sentidos possíveis para esta infância, dentro de dadas condições do discurso, que passam pelas relações sócio-histórico-ideológicas (relações de força). A língua, em sua materialidade, produz sentidos em sua relação com o social, o histórico e o ideológico. Orlandi (2004) afirma: “A presença do *corpo verbal na produção dos sentidos* faz parte disso que chamamos ‘materialidade da linguagem’” (ORLANDI, 2004, p. 27, grifo nosso).

Ao usar o presente, não o pretérito, ainda que o fato relatado na página do jornal seja sempre anterior ao tempo do relato, produz-se, pelo efeito de presentificação da ação, um *discurso sobre* uma infância, que pode ser lido e significado, por já se sustentar em outros processos discursivos, aos quais está ligado via memória discursiva.

Considerando o contexto sócio-histórico atual, marcado pela desigualdade de oportunidades, podemos afirmar que a infância no Brasil não é uma; nos modos como a infância se textualiza, em notícias de jornais, como a aqui analisada, em leis próprias a esta camada, como as do Estatuto da Criança e do Adolescente, entre outros modos de textualização, podemos ler/ver a existência de uma infância marcada, em termos discursivos, pelo desamparo. A infância que está sendo significada no recorte aqui apresentado não é a que “*brinca no parque*” ou a que “*vai à escola*”, mas a que “*toma banho em bueiro*”, a que está “*no buraco*”, (re)inscrevendo-se, na materialidade linguística, dizeres que sustentam os sentidos possíveis para essa infância.

Nesta instituição de sentidos para esta infância estão em jogo já-ditos e esquecidos e não ditos que se fazem presentes, a partir de uma relação com o que chamamos memória discursiva ou interdiscurso. O que nos interessa, assim, do ponto de vista discursivo, não é o uso técnico do presente do indicativo, ou o acréscimo ou não de adjunto adverbial, mas sim os efeitos do presente daquele verbo e do acréscimo daquele adjunto no que concerne à produção de sentidos para essa infância em cena.

Em continuidade na análise da materialidade linguística aqui empreendida, apontamos que cada palavra do título e da legenda, mais do que comunicar um ocorrido, mobiliza uma

memória discursiva (âmbito da constituição do discurso, tudo o que já foi dito, será dito ou é possível dizer sobre menina, sobre banhar-se, sobre bueiro), construindo uma textualização em que jogam o silêncio e o não-dito (que significam pela memória discursiva).

Chamamos a atenção para o fato de o “flagrante que choca”, nos termos do jornal, ser apontado como uma ação (a de banhar-se em água suja) e não uma condição (a condição de miséria em que vivem os mais pobres).

Centrando-nos agora no funcionamento da fotografia, ou seja, o não verbal, em sua especificidade, afirmamos que, junto ao verbal, está a imagem, funcionando de modo a atestar a veracidade do ocorrido, ou seja, nos termos de Lagazzi (2009), a modo de “complementaridade” em relação ao verbal (título, subtítulo, assim como na legenda).

Pelo visível, ou seja, o possível de se ver, em dadas condições, vemos uma menina negra, de costas, trajando somente uma calcinha, portanto, com o corpo infantil seminudamente exposto, imerso em águas sujas de um bueiro localizado no Centro do Rio de Janeiro. A partir do gesto empreendido pelo fotógrafo, gesto que produz a infância como objeto, a menina está enquadrada de costas e sozinha. Esta foto foi tirada pelo fotógrafo do jornal *O Globo*, Marcelo Piu, e lhe garantiu um prêmio interno ao jornal, o de Melhor Fotografia. Ao ser premiada, a fotografia recebe outro valor.

Como uma entrada discursiva diante da imagem, atentamos para dois pontos: a vestimenta (no caso, a seminudez) e a representação da criança sozinha. No discurso imagético aqui analisado, considerando as atuais condições de produção, apontamos a possibilidade de pensar a ausência total ou quase total de roupas nesta fotografia como marca da condição social em que vive essa infância, uma condição desfavorecida, traço que recobre o corpo por uma presença-ausente. Sobre a questão da vestimenta infantil no período da Idade Média, Ariès (2012[1973], p. 32) afirma: “a Idade Média vestia indiferentemente todas as classes de idade, preocupando-se apenas em manter visíveis através da roupa os degraus da hierarquia social”. Naquele período, assim, não se diferenciava, pela vestimenta, crianças de adultos, mas o que vestia o corpo, tanto de crianças quanto de adultos, dizia da posição social ocupada pelos sujeitos, no social.

Em nosso gesto de leitura e interpretação destas imagens, tal função atribuída às vestimentas no período referido pelo historiador insiste em se fazer possível, reconfigurando sentidos para essa infância assentada nos baixos degraus sociais. Sem a vestimenta que marca um lugar diferenciado de poder, o lugar da infância dos filhos das classes altas, textualiza-se, nessa fotografia, no que concerne à questão da nudez, um dizer sobre o filho do outro, sem roupas, despido de oportunidades, de futuro, despido da própria infância, deslizamento de sentido que se faz possível em uma leitura da expressão tantas vezes repetida no cotidiano, e presente no corpo da notícia aqui analisada, “infância perdida”.

Tal efeito de desamparo produzido no *discurso imagético sobre* essa infância também é sustentado pelo ângulo, o recorte e o enquadramento da imagem, que traz, ao centro, a criança sozinha, centrando as possibilidades de sentido para o que há da margem da foto para dentro.

A partir disso, podemos afirmar que, ao tornar objeto a menina sozinha, a materialidade não verbal funciona também de modo a sustentar um *discurso sobre* a infância,

ou melhor, sobre uma infância. Abre, com isso, ao tornar a imagem visível “através do trabalho de interpretação” (SOUZA, 1998, p. 4), a possibilidade de leituras de uma infância que não é qualquer, é marcada pela sustentação, no discurso, de um efeito de descuido, pela presença-ausente da família, do Estado. A materialidade verbal, em relação de composição (LAGAZZI, 2009) com a não verbal, sustenta o mesmo efeito de desamparo da criança. Entendemos, assim, que há na materialidade verbal e na não verbal textualizações de uma infância marcada pelo abandono, que funcionam pela contradição, pela incompletude constitutiva de cada materialidade.

Centrando-nos no gesto de produzir a imagem, e na decisão de expô-la em um meio de grande circulação que é o jornal, especialmente o *online*, chamamos a atenção para o que propomos como a função testemunhal da imagem (CASA DEI, 2014). Em nossos gestos de análise da fotografia, enquanto discurso, apontamos a possibilidade de a fotografia, considerando o teor do que torna visível, portar algo da afetação do sujeito, diante da cena com a qual se deparou, em um tempo anterior ao registro fotográfico. É neste sentido que ela pode funcionar como chamado à reflexão, o que nos leva a afirmar, no âmbito do registro, certa necessidade de contar ao outro o que viu, torná-lo participante. Pela afetação que porta e por o que tem a transmitir, é que podemos afirmar no presente trabalho o valor da fotografia enquanto testemunho das mazelas de uma infância, em nossos dias.

Como atestado de “uma verdade que, não sendo objetivamente suficiente, o é, porém, subjetivamente” (PIERRON, 2010, p. 23), a fotografia, em seu valor testemunhal, marca a inscrição do sujeito a uma região de sentidos, portanto, a uma posição no *discurso sobre* essa infância. Tal marca, porém, fruto desta inscrição e da inunção à transmissão, não comparece como já-dado para o sujeito-fotojornalista, no momento do registro; o que comparece é a ilusão de representação do real, de “é isto”, “eu vi”.

Outro modo de considerar o funcionamento da fotografia nos jornais que não pode ser desconsiderado é o valor mercadológico. A imagem aqui analisada torna objeto, pelo gesto de fotografar, uma menina em situação de vulnerabilidade, uma menina sem nome, sem rosto, mas cujo corpo está duplamente exposto (à água suja e aos olhares multiplicados pela localização da imagem no jornal). Conforme já referimos, esta fotografia ganha o prêmio de “Melhor Fotografia”, em concurso interno ao jornal. Diante do *status* atribuído à imagem, nos perguntamos: O que se premia nesta imagem? O que há nesta fotografia, no que ela tem a transmitir, que seja digno de reconhecimento? Premia-se, talvez, o reconhecimento de uma cena anterior, sustentada por uma memória que fala de infâncias abandonadas.

Ao dar à imagem um prêmio, investe-se nela outro valor, aumenta-se a visibilidade, ao republicá-la em outras edições do jornal (âmbito da circulação). Jornais, faz-se relevante ressaltar, são empresas que vendem produtos (notícias/fotorreportagens). Tavares (1997, p. 123) afirma:

O texto jornalístico é um produto industrial, uma vez que é produzido em grande quantidade, geralmente para um público alvo abrangente e destinado ao consumo imediato. [...] Como item de consumo, o texto jornalístico tem pouca duração: uma informação que é de interesse em um dado mês pode não o ser em outro, o que se destaca numa semana pode ser esquecido na próxima semana e até mesmo algo que se noticia num dia estará ultrapassado no dia seguinte.

As afirmações da autora apontam a lógica do mercado em que se pauta o “texto jornalístico”; é um item de “consumo imediato”, cujo valor varia conforme a sociedade, o contexto histórico vigente e as posições ideológicas dominantes. Em meio a esta visão mercadológica, uma imagem como esta, portadora de um *discurso sobre* uma infância marcado pelo efeito de desamparo, pode sofrer um esvaziamento de sentido, dada a conjuntura atual de desvalorização rápida dos produtos.

Ao produzir esta imagem para um jornal, ou seja, na ilusão de que a imagem falará por si, comunicará um acontecimento, o sujeito-fotojornalista assume uma posição, que não pode ser pensada fora das condições de produção que determinam a ação e a interpretação. Mariani e Medeiros (2011, p. 84) ressaltam: "Pensar em uma ética jornalística implica pensar em uma ética do jornalismo em uma sociedade capitalista contemporânea, regida pela lógica do mercado". A decisão de fotografar uma cena como esta aliada a outra de expor ou não, em meio de grande circulação, como o jornal *online*, determinadas imagens passam, necessariamente, por uma questão ética, mas também por uma questão de mercado.

Considerando esta conjuntura, em relação ao funcionamento de certas imagens no espaço discursivo dos jornais, Endo (2005, p. 77, grifo nosso) afirma:

[...] a exposição traiçoeira, rasteira e chula das imagens, onde pessoas são flagradas aos prantos, feridas, mortas, em pânico, e que, no dia seguinte, viram sucata, notícia velha, cadáveres já vistos, *espelham a banalização da violência pelo caráter de sua transmissão.*

Em sua fala, Endo (*ibidem*) aponta não somente a grande quantidade de imagens em circulação na mídia que registram as dores de um outro, mas também chama a atenção para o modo indiferente como estas imagens têm sido expostas, o que têm transmitido, como têm produzido seus efeitos em e por sujeitos, nas sociedades. Fotografias desta natureza, ao serem tratadas como produtos da indústria jornalística, inseridas na relação “mais mais”, ou seja, mais visualizações, mais lucro para os jornais, abrem possibilidade à banalização do mal<sup>3</sup> ali exposto.

No gesto de enquadrar, limitando o dizer ao que está da margem para dentro, e no gesto de direcionar sentidos à imagem, em sua relação com o verbal, trazemos uma questão pontuada por Pêcheux (2012[1983], p. 57), que afirma “Face às interpretações sem margens nas quais o intérprete se coloca como um ponto absoluto, sem outro nem real, trata-se aí [...] de uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade”. Na montagem discursiva que aqui trouxemos, em que verbal e não verbal, como materialidades distintas, funcionam, no espaço do jornal, em uma pretensa relação de complementaridade, apagando a textualidade de cada materialidade, procuramos apontar, conforme Pêcheux (*ibidem*), “os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomada de posição”.

---

<sup>3</sup> Acerca da “banalidade do mal”, Arendt (1999), ao analisar o julgamento de Eichmann, condenado pelo apoio e morte de judeus durante o nazismo, afirma, a partir de sua percepção, que o julgado não apresentava nenhum traço de perversão ou sadismo. O “mal” era “banal”, um homem que recebia ordens. Ver: ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 344 p.

A premiação da fotografia aqui analisada aponta esta lógica; de um lado, premia-se o fotógrafo, cujo olhar sensível a uma cena revelou um acontecimento singular e chocante, de outro, ao deslocarmos as possibilidades de leitura da imagem para além de suas margens, premia-se também a dor de um outro, cuja vulnerabilidade física e social, uma vez textualizada e guardada no arquivo de imagens do jornal, inscreve-se como algo possível de ser (re)visto como matéria passada, notícia velha. A imagem, neste funcionamento, produz outros efeitos, um efeito imaginário de que, pela força do visível, um acontecimento isolado, mas chocante, ocorreu em dado momento da história. Apaga-se, neste efeito, a condição de miséria em que vivem, dia a dia, tantas outras crianças e adultos, para além do que a fotografia nos permite ver. Apaga-se também a historicidade, ou seja, a relação intrínseca entre o linguístico e o histórico, assim como o “político da imagem” (LUNKES, 2014), que é a divisão dos sentidos.

### Considerações finais

Os gestos de interpretação aqui empreendidos analisaram a relação entre distintas materialidades significantes (LAGAZZI, 2009), a saber, a materialidade verbal e a não verbal, em relação no espaço discursivo do jornal *O Globo online*. De pronto, buscamos apontar como o verbal, composto pelo título da notícia e a legenda da fotografia, estava em relação ao verbal, a própria fotografia, no intuito de direcionar um sentido a ser transmitido a alguém (a sujeitos-leitores). A tentativa, todavia, é falha, no instante em que a produção de sentido depende dos gestos de leitura e interpretação empreendidos. Conforme nos afirma Orlandi (2012[1996], p. 22): “Ao significar, o sujeito se significa, o gesto de interpretação é o que – perceptível ou não para o sujeito e/ou para seus interlocutores – decide a direção dos sentidos, decidindo, assim, sobre sua (do sujeito) direção”.

Como material a ser lido, em sua textualidade, a fotografia, assim como o título e a legenda, é significada por meio de gestos de leitura e interpretação que são sustentados por sujeitos, afetados pelo ideológico e pelo inconsciente. O que nos interessa, do lugar da Análise do Discurso, não é revelar o que as palavras e as imagens dizem, como se houvesse um sentido evidente a ser trazido à tona, mas perceber o funcionamento destas materialidades, no espaço em que comparecem, no caso, no espaço dos jornais.

Sustentamos, na análise empreendida, a imagem enquanto um *discurso sobre* (MARIANI, 1996) uma infância que não é qualquer; é sustentada, no plano discursivo, por um efeito de desamparo. O mesmo efeito de sentido pôde ser lido na materialidade verbal, o que aponta discursos convergentes, produzindo sentidos para uma infância, em distintas materialidades significantes (LAGAZZI, 2009).

Em relação à fotografia e seus modos de produzir (efeitos de) sentidos, a mesma imagem, em uma galeria de arte, por exemplo, funcionaria de outros modos, produzindo efeitos de sentido distintos, dado que as condições de produção seriam outras. No interior do discurso jornalístico, a fotografia aqui analisada funciona regulada pelo verbal, como se houvesse possibilidade de recobrimento do verbal sobre o não verbal. Com Orlandi (1995), vemos que este é um efeito ideológico dominante nos espaços da mídia, que funcionam sob ao menos três mitos: o mito de que os meios de comunicação servem para informar; o mito do

prestígio da linguagem verbal, sustentado pela ciência linguística; e o mito da mediação necessária do verbal sobre o não verbal operado pela mídia, sustentado pela ideia dominante de que a interpretação se dá pelo verbal (ORLANDI, 1995, p. 42).

No que concerne aos dois modos de considerar a fotografia nos jornais, o valor testemunhal e o valor mercadológico, afirmamos, após o percurso de análise aqui empreendido, que os dois modos de tomar a imagem se fazem possíveis, no discurso imagético aqui analisado, estabelecendo, entre si, uma relação de adição, ou seja, testemunho de uma infância e produto do mercado, em um funcionamento que se dá pela contradição.

Procuramos, em nossos gestos de interpretação, uma leitura que considere, conforme Pêcheux (2012[1983]), que os sentidos têm margem delineada pelo social, o histórico e o ideológico. Os sentidos também não são apreendidos pelo sujeito que fala, que produz uma imagem, um som, como se a linguagem fosse para ele transparente. Na injunção à interpretação, “trabalho que ata língua, sujeitos e mundo” (ORLANDI, 2004, p. 28), o sujeito é capturado pelos sentidos, inserindo-se numa rede de sentidos que o preexiste e que tem como traço a diferença.

Ao refletirmos sobre a prática do fotojornalista em nossos dias e sua importância na construção e reprodução de notícias e informações, (re)construindo, dia a dia, imaginários sobre diversos assuntos, uma reflexão em torno de uma ética que transborda o âmbito profissional se faz possível. A internet e os avanços tecnológicos dos dispositivos fotográficos (que atingiram o ápice com os *smartphones*, cada vez mais evoluídos e acessíveis à população, em geral) tornam ainda mais urgente uma discussão ética em torno da produção fotográfica, no âmbito do registro e da divulgação, considerando, conforme apontamos, o que nos parece ser um sintoma do social: a “banalização da violência” (ENDO, 2005), ao se tratar como produto facilmente descartável retratos da dor do outro.

No caso de fotografias que tornam objeto crianças em situação de vulnerabilidade, como a aqui analisada, afirmamos que, em um jornal como o aqui trazido à análise, que, em geral, circula entre as classes média e alta no Estado do Rio de Janeiro, é possível dizer que é o “filho do outro” a criança enquadrada no retrato de jornal, aquele da qual a sociedade só se ocupa quando ocupa as páginas dos jornais, ou as telas da televisão ou outra mídia.

Na concepção a que nos filiamos, compreendemos que a linguagem serve para comunicar e também para não comunicar. É preciso, diante de todo fato de linguagem, historicizar, compreender as evidências e apagamentos ali constitutivos. É este um de nossos principais objetivos analíticos, em nosso estudo.

## REFERÊNCIAS

- ARENDRT, H. *Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 344 p.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman – [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2012[1973]. 196 p.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 671 p.

CASADEI, E. Composição fotojornalística e história: função testemunhal como ato performativo e interação de linguagens. *Revista eletrônica do programa de pós-graduação em Mídia e Cotidiano*, Artigos seção livre, n. 4, p. 4-24, 2014.

DALMONTE, E. Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos. *História*, v.29, n.1, p. 328-344, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v29n1/19.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

DELA-SILVA, S. Pêcheux e a plurivocidade dos sentidos. In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso (1: 2003: Porto Alegre, RS). *Anais do I SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso* [recurso eletrônico] – Porto Alegre: UFRGS, 2003. Disponível em: <<http://www.analisedodiscurso.ufrgs.br/anaisdosead/sead1.html>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. 2008. 225 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

ENDO, P. *O consumo de imagens violentas: pacto e alienação*. *Psicologia Clínica*, v. 17, p. 77-94, 2005.

LAGAZZI, S. O recorte significativo da memória. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. *O discurso na contemporaneidade*. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 65-78.

\_\_\_\_\_. *Linha de passe: a materialidade significativa em análise* [online]. 2010, n. 16. v. 2. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Disponível em: <<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

LUNKES, F. *O Discurso sobre a depressão na revista Veja (1968-2010) em materialidades verbais e não verbais: o triunfo dos efeitos de sentido de medicalização*. 2014. 307 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

MARIANI, B. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. 256 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MARIANI, B.; MEDEIROS, V. Mulher na favela e confronto policial: por um arquivo de imagens, In: MARIANI, B.; MEDEIROS, V.; SILVA, S. D. (org.). *Discurso, arquivo e...* Rio e Janeiro: 7LETRAS, 2011. p. 67-92.

MEDINA, C. *Notícia: um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. 188 p.

\_\_\_\_\_. *Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus, 2008. 118 p.

ORLANDI, E. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade)*, Campinas, Editora da UNICAMP, n. 1, p. 7-35, 1995.

\_\_\_\_\_. Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004. p. 27-62.

\_\_\_\_\_. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2012[1996]. 156 p.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013[1990]. 100 p.

\_\_\_\_\_. *Discurso e texto. Formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2012[2001]. 218 p.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997[1969]. p. 59-158.

\_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009[1975]. 287 p.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012[1983]. 68 p.

PIERRON, J-C. *Transmissão: uma filosofia do testemunho*. São Paulo: Loyola, 2010. 294 p.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012[1916]. 312 p.

SOUZA, T. Discurso e imagem – Perspectivas de análise não verbal. *Ciberlegenda – Revista eletrônica do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal Fluminense*, n. 1, 1998.

TAVARES, M. *O verbo no texto jornalístico*. Working papers em Linguística. UFSC, n.1, p. 123-142, jul./dez. 1997.

ZANELLA, A. *Metrópoles do futuro: o barulho por trás do ranking de Veja*. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná.

**Recebido em:** 05/10/2015

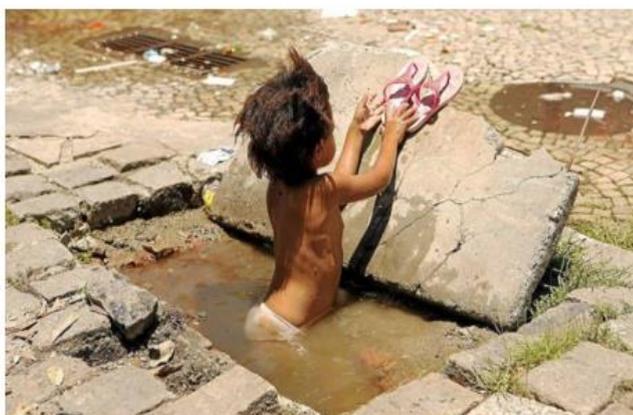
**Aprovado em:** 20/04/2016

## ANEXO

### Flagrante que choca: menina toma banho em bueiro

Prefeitura faz buscas no Centro para achar criança, que teria 5 anos e estaria ao lado do pai, com sinais de embriaguez

POR GUSTAVO GOULART  
09/12/2014 16:00



A menina no buraco com água suja: alheio à situação, o pai só se preocupava em pedir dinheiro para almoçar - Marcelo Piu